

**HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DO BRASIL:
RESPONSABILIDADES, COTEJOS, CONFRONTOS**

As obras de Denilson Baniwa reproduzidas nesta RIEB dialogam com o esforço crítico do Instituto de Estudos Brasileiros em meio às comemorações dos 200 anos da independência política do Brasil e dos 100 anos da Semana de Arte Moderna. Já na capa, a imagem de Mário de Andrade decapitado é “uma espécie de vingança que, mais do que nos aniquilar, nos responsabiliza” (DINIZ, 2020, p. 82), chamando à reflexão sobre a “aristocracia de espírito” (ANDRADE, 1974, p. 236) do movimento modernista e de seus desdobramentos. Longe de imobilizar, a responsabilidade estimula a reflexão, o que se percebe em todas as seções deste número.

O dossiê “Paralelos 22” foi organizado coletivamente por docentes do IEB – Ana Paula Cavalcanti Simioni, Flávia Toni, Jaime Tadeu Oliva, Luciana Suarez Galvão, Marcos Antonio de Moraes, Monica Duarte Dantas, Stelio Marras. Em “O reverso da outra independência: participação indígena no contexto político da década de 1820 (Cimbres, Pernambuco)”, a historiadora Mariana Albuquerque Dantas (UFRPE) busca “compreender as motivações dos indígenas em se posicionar nos conflitos iniciados pelas elites” por meio de uma análise que rompe com “interpretações sobre a transição política do Brasil para um Estado alinhado ao liberalismo do início do século XIX, cujo efeito é lançar essas populações em um lugar arcaico diante de uma modernidade incontornável”.

Também radicado na historiografia, mas em perspectiva interdisciplinar que se volta para o campo do direito, o artigo “Suspensão de garantias no pós-Independência do Brasil: indefinições legais, vigilância parlamentar e vulnerabilidade de direitos”, de Vivian Chieregati Costa (USP), analisa “os debates parlamentares”, “os fundamentos legais” e as “implicações políticas” em torno “das medidas repressivas empreendidas pelo governo no interregno que separou a outorga da Carta de 1824 da abertura dos trabalhos parlamentares” em 1826, bem como em torno da dispensa das “garantias dos cidadãos do Império”, no período entre 1824 e 1842, “em diferentes localidades afetadas por agitações políticas e movimentos populares de contestação à ordem”. Já “Fiscalidade e subdesenvolvimento: breves considerações sobre o Brasil independente”, de

Camila Scacchetti (USP), analisa em que medida a estrutura administrativa arrecadatória do Império, ao manter “escolhas fiscais” dos tempos coloniais, vinculadas a uma “dinâmica voltada para o exterior”, acabou por contribuir “para os níveis de desigualdade e subdesenvolvimento presentes no território nacional”, no oitocentos.

Os debates, no primeiro modernismo, sobre nacionalismo *versus* regionalismo, “herança europeia” *versus* “tradição brasileira” – ou, de modo mais específico, sobre “valorização do trabalho”, característica da “civilização europeia”, *versus* valor do ócio, “como um elemento propício à criação artística” no Brasil – são abordados de um ângulo original por Viviane Soares Aguiar (USP), em “Mário de Andrade e a construção da cozinha brasileira”. A seguir, Raul Antelo (UFSC), no artigo “A máquina de Polímnia”, examina a obra inacabada *O Banquete*, de Mário de Andrade, à luz do “conflito entre a ideia de um nacionalismo musical e sua ruptura” por meio do dodecafonismo, “teoria compositiva europeia de vanguarda”.

“O modernismo na perspectiva de Gilda de Mello e Souza”, de Annateresa Fabris (USP), discute contribuições da filósofa e crítica de arte aprofundando-se na análise de textos por ela produzidos e revendo “algumas de suas formulações a partir de pesquisas atuais”. Por sua vez, “Gilda & Mário: notas temáticas e estilo musical”, de Carlos Henrique Fernandes (UFSCar), adota uma forma ensaística para discutir o ensaísmo de Gilda de Mello e Souza e, na trilha aberta por Bento Prado Jr., suas relações com “o conceito marioandradiano de inacabado”.

Encerrando o dossiê, “Como estaremos em 2022”, de Sírio Possenti (UNICAMP), também utiliza uma forma ensaística para retomar “alguns indícios históricos que, vistos *a posteriori*”, revelam “uma profunda fissura social”, um “desejo dos mais ricos (em geral brancos) de ficarem afastados dos pobres (ou dos que parecem sê-lo)” e determinadas estratégias “assustadoras” de exclusão, próprias “das políticas mais conservadoras e regressivas”. E “Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética”, de Letícia Cesarino (UFSC), analisa, em “perspectiva antropológica de inspiração neo-batesoniana”, modos de atuação de agentes e “públicos bolsonaristas”, nas novas mídias, cujo fim é corroer “as bases da legitimidade e confiança social nos públicos dominantes que sustentam a democracia liberal e o tipo de esfera pública a ela associada”.

Dois artigos ainda são publicados. Em “Sexualidade improdutiva e resistência na canção ‘Geni e o zepelim’, de Chico Buarque”, Nara Lya Cabral Scabin (UAM) apresenta uma leitura de corte interdisciplinar na qual se destaca um traço da personagem Geni que ainda não fora observado pela crítica: a resistência feminina “à opressão capitalista-colonial” por meio de “práticas sexuais não apenas *moralmente transgressoras*, mas sobretudo *economicamente improdutivas*”. Por fim, “A infância na universidade pelo Departamento de Estudos da Infância”, de Lisandra Ogg Gomes (UERJ), Aristeo Gonçalves Leite Filho (UERJ) e Rita Marisa Ribes Pereira (UERJ), problematiza “os lugares da infância” na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e delinea um processo que diz respeito não só àquela instituição, mas a toda “cultura acadêmica”.

Na seção Criação, “Vaivém histórico” traz reproduções de obras do indígena e artista Denilson Baniwa (Denilson Monteiro Baniwa). Obras que “são por força intervenções em uma dinâmica histórica (a história da colonização dos territórios indígenas que hoje conhecemos como Brasil)” e que buscam rescrevê-la. Na seção Documentação, “A Ópera *Café* de Mário de Andrade: diário do encenador”, de Sérgio de Carvalho (USP), reúne anotações feitas no calor da hora: o texto registra “dificuldades e belezas” do processo de produção do espetáculo que levou ao Teatro Municipal de São Paulo, em maio de 2022, a música do compositor erudito Felipe Senna, a Orquestra Sinfônica Municipal sob regência do maestro Luís Gustavo Petri, o Coral Paulistano sob regência da maestra Maíra Ferreira, o Balé da Cidade de São Paulo, integrantes do Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e uma “coalizão” de artistas negras e negros – o ator Carlos Francisco, os palhaços Erickson Almeida e Heraldo Firmino, a cantora Juçara Marçal, o cantor e compositor Negro Leo (Leonardo Campelo Gonçalves).

Três resenhas completam o número. “Modernismos alternativos, preto no branco”, de João Brancato (UNICAMP), analisa o livro *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*, de Rafael Cardoso. “Devorando o Manifesto Antropófago”, de Vinicius Pontes Spricigo (UNIFESP) e Mayara Santos Carvalho Soares (UNIFESP), “coloca em perspectiva crítica as representações do negro e do indígena presentes na metáfora antropofágica”. E Adelia Bezerra de Meneses (USP/UNICAMP) aborda *Tom vermelho do verde*, romance de Frei Betto que denuncia, de forma contundente, o extermínio dos Waimiri-Atroari, desde os anos da Ditadura Civil-Militar. As imagens selecionadas pela equipe editorial, juntamente com as especialistas do Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais do IEB, são registros da criação de Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Antônio Paim Vieira, a partir da reprodução de originais que estão sob a guarda do IEB.

Retomando o que afirmamos inicialmente, este número integra uma série de iniciativas promovidas pelo IEB nos últimos três anos. Dentre elas, vale aqui ressaltar: a publicação de onze livros da *Coleção Estudos Brasileiros – Paralelos 22*, coordenada por Monica Duarte Dantas e Marcos Antonio de Moraes¹; a exposição *Era Uma Vez o Moderno [1910-1944]*, com curadoria de Luiz Armando Bagolin e Fabrício Reiner, evento com entrada gratuita, no Centro Cultural Fiesp, em São Paulo, que ainda gerou o lançamento de um livro (AYER, 2022); a Plataforma de Estudos do Primeiro Modernismo Literário Brasileiro, coordenada por Marcos Antonio de Moraes e Frederico Camargo, projeto que reúne “numa base de dados as informações biográficas, a produção escrita e a fortuna crítica de 24 autores ligados ao Modernismo literário brasileiro”²; e a publicação do livro *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira*, de Ana Paula

1 Informações sobre a *Coleção Estudos Brasileiros – Paralelos 22* e o acesso gratuito às versões digitais dos livros podem ser obtidos no endereço <<https://www.ieb.usp.br/colecao-estudos-brasileiros/>>.

2 A frase entre aspas faz parte da apresentação da Plataforma, a qual pode ser acessada no endereço <<https://www.usp.br/bibliografia/modernismo/>>.

Cavalcanti Simioni (2022). Esse conjunto reflete as inquietações que perpassam as pessoas que têm atuado no e pelo IEB, contemporaneamente e em seus 60 anos, recém-completados.

Junto dessas iniciativas, esperamos que a RIEB 82 possa combater, tomando com liberdade uma formulação de José Antonio Pasta (2011, p. 30), o “desprezo fácil” que faz “jogar fora tesouros de percepção que os próprios desprezadores estarão muito longe de atingir”, supondo já terem superado o que nem sequer compreenderam. Desprezo que é uma das feições, ainda que amesquinhada, do horror que ganhou espaço na vida pública brasileira.

Inês Gouveia³, Luciana Suarez Galvão⁴, Walter Garcia⁵

Editores

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: ANDRADE, M. de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 231-255.
- AYER, Maurício. O modernismo a contrapelo – em exposição e livro. *Outras palavras*, 22/5/2022. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/o-modernismo-a-contrapelo-em-exposicao-e-livro/>>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- DINIZ, Clarissa. Street fight, vingança e guerra: artistas indígenas para além do “produzir ou morrer”. *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan./jul. 2020, p. 68-88. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-6524.102736>>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- PASTA, José Antonio. A teoria do romance. In: PASTA, J. A. *Formação supressiva: constantes estruturais do romance brasileiro*. 282 f. Tese (Livre-docência em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011, p. 24-31.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira*. São Paulo: Edusp, 2022.

3 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

4 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

5 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

SOBRE OS AUTORES

INÊS GOUVEIA é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
inescgouveia@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-4783-9033>

LUCIANA SUAREZ GALVÃO é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
lsgalvao@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-1369-688X>

WALTER GARCIA é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
waltergarcia@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-0455-4831>

Recebido em 5 de agosto de 2022

Aprovado em 20 de agosto de 2022

GOUVEIA, Inês; GALVÃO, Luciana Suarez; GARCIA, Walter. Histórias e representações do Brasil: responsabilidades, cotejos, confrontos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 82, p. 13-17, ago. 2022.



DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i82p13-17>